

Diversão & Arte

O filme *Eduardo & Mônica* chega às telas, depois de uma série de adiamentos motivados pelos efeitos da pandemia

As engrenagens de um amor inesperado cantadas pela Legião Urbana em *Eduardo e Mônica* batem nas telas de cinema, com a romântica adaptação de René Sampaio, num dos mais aguardados filmes nacionais dos últimos tempos

Jamila Barbosa/Divulgação

DIVERTIDA INCOMPATIBILIDADE

» RICARDO DAEHN

Uma corrente de valorização do cinema nacional, que recentemente contou com repercussões positivas das longas *Marighella* e *Turma da Mônica — Lições*, o filme *Eduardo & Mônica* entra em quase 500 salas do Brasil, com candidatura a blockbuster.

O novo longa adaptado de um fenômeno musical gravado pela Legião Urbana traz o resultado de filmagens, em 2018, dispostas num circuito integrado por Brasília, Alto Paraíso de Goiás e Rio de Janeiro. O filme é a segunda dramatização do diretor René Sampaio para uma criação de Renato Russo, antecedida por *Faroeste caboclo* que atraiu público de quase R\$ 1,5

milhão de espectadores. No elenco há nomes como Gabriel Leone, Alice Braga, Otávio Augusto, Juliana Carneiro da Cunha e Victor Lamoglia. Com orçamento de R\$ 10 milhões, o longa contou com várias parcerias de roteiristas, em especial do brasileiro Matheus Souza (*Eu não faço a menor ideia do que eu tô fazendo com a minha vida*). *Eduardo & Mônica* chega aos circuitos

de cinema, após vários adiamentos, reflexo do efeito da pandemia. Ambientada em 1986, ano de lançamento do disco *Dois* (que contém 12 faixas entre elas *Eduardo e Mônica*), a trama explora os impasses amorosos contidos a partir dos personagens do título da música oitentista, que traça afinidades e expõe dissabores na explosão de um amor entre pessoas com idades bem destoantes.

» OUTROS LANÇAMENTOS

AS AGENTES 355

De Simon Kinberg. Com Penélope Cruz, Diane Kruger, Jessica Chastain, Lupita Nyong'o, Sebastian Stan e Edgar Ramírez. O diretor de *X-Men: Fênix Negra* conduz uma nova aventura dominada por um grupo de mulheres que entra em ação em defesa do mundo num enredo ambientado por cenários internacionais. Xangai, Marrocos e Paris estão nas escalas de uma agente da Cia, uma agente germânica, uma exímia hacker e uma psicóloga que enfrentam planos de mercenários.

Crítica / *Eduardo & Mônica* ★★★★★

E, no balanço das horas, tudo pode mudar

Para além de atender perfeitamente aos fãs que forem com lupa em cima dos escritos de Renato Russo, numa demanda da essência de Eduardo e Mônica na telona, a adaptação para filme (de René Sampaio) transborda uma cumplicidade com puro entretenimento. Com a tela dividida, os personagens vividos por Gabriel Leone e Alice Braga, ao acaso, se preparam para o encontro significativo que abastece a vontade crescente, nos espectadores, de vê-los unidos.

Imponente, na moto, Mônica traz realismo para a interação com o rapazote, inocente, e que anda entretido com os estudos. A química entre os intérpretes transmite a boa energia de uma relação elaborada, no compasso da música que dá base para o roteiro liderado por Matheus Souza. A maneira como tudo é cuidadosamente disposto — das músicas que congregam A-ha, The Petenders, The Clash e até uma épica de Bonnie Tyler, passando pelo registro da atração televisiva *Anos dourados* — evoca, com autenticidade, os anos 80 registrados não apenas na estética do filme, mas ainda no andamento da

narrativa. Não há perda de foco, nem grandes distrações para o romance recriado.

"A gente é muito diferente, mas a gente pode tentar", persiste Eduardo que, simbolicamente, descarta até a coleção de carrinhos, para reorganizar prioridades de vida. Relutante a mudanças e senhora absoluta da liberdade dela, a rebelde Mônica rende muito, com a presença madura de Alice Braga. Jocosos e inocentes jogos embalam o afinado dueto sentimental dos personagens. Ela sabe buscar a comodidade, enquanto ele respira um jeito desengaçado. O acesso ao mundo de Mônica tem, por chave, a intimidade com elementos artísticos. Exigirá algum esforço de Eduardo.

A aproximação do casal — intermediada pelos passeios no Parque da Cidade e pelas voltas tradicionais nos prédios-monumentos da capital — transcorre gradualmente, entre crises existenciais de Mônica e a sintonia desimpedida de Eduardo, que vive situações do dia a dia como perder o baú (ônibus) e curtir, com descompromisso, músicas de rádio. Crescendo juntos, ambos criam, sem pretensões, mais uma daquelas séries

de "memórias mais preciosas" às quais Eduardo se refere na fita.

Entre cenas divertidas, como as de um telefone (com fio) atendido na privada, e românticas que azedam a relação dos protagonistas, o espectador vira cúmplice de momentos íntimos, corriqueiros e multifacetados. Dissabores como o contato com o conservador Bira (Otávio Augusto, longe de composição maniqueísta) também são contornados. Sem sentimento de posse, os enamorados parecem seguir a cartilha da mãe de Mônica (papel de Juliana Carneiro da Cunha), apta a determinar: "A gente não controla nada, filha, nem o corpo".

Entrelaçando impulsos dos personagens e encadeando referências (que tocam Vincent van Gogh, Bauhaus, Caetano Veloso, e até a língua alemã, quando Mônica cita Wim Wenders), o roteiro do filme palpita empatia e transborda uma sensação de entendimento. Muito justo e adequado, para o casal construtivo que busca um equilíbrio que extrapole o das voltas de moto ou de camelo. No fim, está tudo lá, e está tudo certo — com existência de coerente razão. (RD)

de "memórias mais preciosas" às quais Eduardo se refere na fita.

Entre cenas divertidas, como as de um telefone (com fio) atendido na privada, e românticas que azedam a relação dos protagonistas, o espectador vira cúmplice de momentos íntimos, corriqueiros e multifacetados. Dissabores como o contato com o conservador Bira (Otávio Augusto, longe de composição maniqueísta) também são contornados. Sem sentimento de posse, os enamorados parecem seguir a cartilha da mãe de Mônica (papel de Juliana Carneiro da Cunha), apta a determinar: "A gente não controla nada, filha, nem o corpo".

Entrelaçando impulsos dos personagens e encadeando referências (que tocam Vincent van Gogh, Bauhaus, Caetano Veloso, e até a língua alemã, quando Mônica cita Wim Wenders), o roteiro do filme palpita empatia e transborda uma sensação de entendimento. Muito justo e adequado, para o casal construtivo que busca um equilíbrio que extrapole o das voltas de moto ou de camelo. No fim, está tudo lá, e está tudo certo — com existência de coerente razão. (RD)

EU NÃO CHORO

De Piotr Domalewski. Com Zofia Stafiej. Coprodução entre Irlanda e Polónia, traz o drama de uma esforçada adolescente obrigada a encarar a morte do pai e as consequências de segredos familiares. Autor em teatro, o diretor despontou em cinema com *Noite silenciosa* (2017) e, em *Eu não choro*, apostou em personagens baseados em pessoas próximas dele.

» LUTO

ACIDENTE MORTAL

LAURENT EMMANUEL
Aos 37 anos, o ator Gaspard Ulliel morreu ontem, depois de um acidente de esquí nos Alpes franceses. Ele não resistiu à cirurgia, após traumatismo craniano. A série da Marvel *Cavaleiro da Lua* deve ser dos ápices da popularidade do intérprete que deu rosto a comerciais da marca Chanel. Além de filmes como *Eterno amor e Hannibal*, Ulliel esteve em *Saint Laurent* (2014) que retratou o icônico estilista.

A época do lançamento da obra que concorreu o festival de Cannes, o ator destacou ao *Correio*: "O cinema está a serviço de eliminar discriminações, inclusive no terreno sexual. Quando trabalho um personagem, a circunstância não dialoga diretamente com a minha vida íntima e pessoal. Não existe lugar para vergonha, num set. Há facilidade de as ações (dos personagens) não tocarem a sua personalidade".

EDUARDO E MÔNICA SÃO REAIS?

» PEDRO IBARRA

Muitos são especulados como o casal que inspirou os personagens icônicos da música do Legião Urbana. Porém Renato Russo fez uma mescla de pessoas e memórias para chegar ao Eduardo e Mônica que conquistaram o Brasil.

Segundo o jornalista Carlos Marcelo, autor de *Renato Russo — O filho da*

revolução, biografia do líder da Legião, explicou que um casal se sobressaía quando o assunto era a canção. "O Renato Russo dizia que escreveu a letra a partir da observação de encontros e desencontros de casais, amigos próximos dos tempos de Brasília. Entre eles, uma amiga bem próxima, a artista plástica Leo (Leonice) Coimbra, que estava começando a namorar um cara mais jovem, seu futuro marido, Fernando Coimbra", afirmou o escritor ao *Correio* em 2014.

Entretanto, a própria Leo negou ao *Correio* que se parecesse com a Mônica, alegando que Renato Russo usou da licença poética para fazer a personagem. "Adorava o Renato, temos outras músicas a ver

com a gente, mas não me identifico com a Mônica. Não é como a Helô Pinheiro. Ela é a garota de Ipanema. Eu não sou a Mônica", contou Leo em matéria de 2014. "A música não é só sobre um casal. Fala sobre pessoas diferentes, com histórias distintas, mas que se dão bem", completou na época.

O diretor do filme René Sampaio também comentou o assunto. "Existem várias versões da história do Eduardo e Mônica, não quero dizer que a minha é oficial nem a única. Renato diz que fez a música para um casal e eu conversei com a 'Mônica' do casal e ela disse: 'O Renato fez a música para mim, mas não era exatamente a gente'". Era uma coisa inspirada no casal,

mas ele colocou muito dele mesmo no Eduardo e na Mônica. Por exemplo, o Renato jogava futebol de botão com o avô. Acredito que tem várias coisas do Eduardo que são as características do Renato para dentro de casa e várias coisas da Mônica que eram o Renato para o público", pontua. "Eu acho que os dois personagens tratam um pouco o artista Renato Russo entre a vida privada dele e a vida cultural, artística e aberta ao público. A gente falou com o casal que teoricamente foi inspirador da música e chamamos a filha deles que mora em Brasília ainda para fazer uma ponta no filme. Porém, a gente não se ateu a resgatar o que era história verdadeira e real do casal no longa", adiciona.

